

ANO XXXV — N.º 3

BOLETIM PECUÁRIO

1967

ALGUNS ASPECTOS DE EXPLORAÇÃO DA RAÇA BOVINA ALENTEJANA *

Por

CARLOS M. BARREIROS NUNES DUARTE

* Conferência proferida em Santiago do Cacém, por ocasião do I Concurso Regional de gado bovino alentejano, realizado em 23 de Maio de 1965.

HISTÓRIA

O gado bovino indígena alentejano, constitui uma raça primitiva natural. A sua existência pode considerar-se milenária, como provam os fósseis neolíticos existentes no Museu dos Serviços Geológicos, pelas semelhanças que apresentam com peças correspondentes dos actuais bovinos.

Classificamo-la de primitiva pelos seus caracteres morfológicos e natural porque se criou sem especiais cuidados do homem.

Vários autores consideram o bovino transtagano pertencente ao mesmo tronco de alguns que povoam o Maciço Central, Sul da França, Noroeste Espanhol, regiões de Cáceres, Badajoz, Huelva e Sevilha, citando entre outras as raças Limousine, Lourdes, Garonesa, Galega, Andaluz, etc..

Deitando uma rápida olhadela para o que sucedeu a estes bovinos, nomeadamente aos da Europa Central, de aptidão dinamófora como os nossos, verificamos que eles têm vindo a sofrer uma evolução lenta mas progressiva, que se acentuou a partir da primeira guerra mundial, consequência do progresso das ciências em todos os sectores.

Assim, a mecanização da agricultura ia dispensando o trabalho animal e, por outro lado, a população rural abandonava os campos atraída para os grandes centros urbanos, rapidamente a desenvolverem-se com a montagem de indústrias sempre em escala de vertiginosa ascendência.

Novas técnicas iam surgindo nas explorações agrárias com o objectivo de aumentar a produtividade, porque os centros urbanos, sempre crescentes em população e nível de vida, exigiam não só quantidade, mas também qualidade de víveres.

Os produtos pecuários começavam a ocupar os lugares cimeiros dessas exigências.

Uma das espécies mais solicitadas nesta corrida foi a bovina, ou não fosse ela a produtora por excelência de carne e leite. Entretanto a máquina substituiu total ou parcialmente o trabalho deste gado, o qual deixando de ser solicitado para aquele fim, passou, em contrapartida, a ser exigido, cada vez em maior escala, no abastecimento das cidades. Os produtos valorizaram-se, o gado, mercê das modificações favoráveis operadas no meio ambiente, foi revelando progressivamente aptidões até aí ignoradas. O melhoramento por selecção intensificou-se graças ao movimento associativo que se gerou entre os bovinicultores e, naturalmente, apareciam transformações fenotípicas e funcionais das primitivas raças, que são hoje altamente especializadas em produção de carne ou leite, ou de ambos os produtos, ditas de aptidão mista, que são actualmente as preferidas.

Foi assim que os franceses fizeram das raças de trabalho, Charollesa e Limousine, animais especializados na produção de carne e recentemente estão a apresentar a Salers como raça de aptidão mista (leite e carne). Por esse mundo fora muitas outras raças poderiam ser apontadas como exemplo.

E, caso curioso, em todas as regiões da Europa onde se criavam animais destinados aos trabalhos agrícolas, pertencentes a raças primitivas, mais ou menos naturais, elas não foram eliminadas nem absorvidas nem substituídas, foram modificadas por um criterioso plano de melhoramento.

Volto a trazer o exemplo da França que, apesar de ter das melhores raças do mundo para a produção de carne, mantém em funcionamento aproximadamente 30 livros genealógicos correspondentes a igual número de raças, que explora e melhora nos respectivos solares de características ecológicas naturalmente variáveis.

A própria Inglaterra, berço da maior parte das raças artificiais, continua a manter os seus bovinos Highlands, na Escócia, cujo primitivismo não anda distante do bisonte. Não se julgue que têm em vista o aspecto turístico, o clima é que não permite a existência de outro e, por isso, os ingleses lá o têm, explorando-o e melhorando-o segundo as técnicas apropriadas.

Em traços muito rápidos, foi esta a evolução que se verificou mais ou menos em toda a Europa para lá dos Pirinéus. Mas não viemos aqui para vos falar do estrangeiro, que aliás nem conhecemos; no entanto, interessa-nos saber como os outros resolveram problemas idênticos aos nossos, não para copiar, mas para adaptar na medida em que eles nos podem fornecer uma base de experiência e de estudo, mais evoluída, abreviando a resolução do nosso próprio problema.

Pela falta de evolução da nossa pecuária, nomeadamente no sector bovino, chegámos a esta data só com animais em que as características fenotípicas mais evidentes os recomendam para o trabalho, função que já não é utilizada, ou está entre nós em vias de o deixar de ser num futuro mais ou menos próximo.

Qual o destino que lhe reservamos?

Cada vez se torna mais tarde para pensarmos no assunto.

O caso da raça alentejana, aquela que, neste momento, nos interessa directamente, foi sempre explorada em regime diferente de todas as outras do país. Por esta razão, o seu futuro terá de ser encarado isoladamente.

Sem pretendermos arvorar-nos em mentores e aproveitando apenas a circunstância de trabalharmos numa Estação que pretende servir a lavoura, honesta e lealmente, reunimos alguns elementos para falarmos o mais concretamente possível sobre a nossa raça bovina alentejana, procurando oferecer-vos um pequeno auxílio para futura orientação.

HABITAT

Quando procuramos estudar qualquer população bovina, por mais superficial que seja esse estudo, não podemos alhear-nos de modo algum das condições ecológicas em que vive esse gado. São variadíssimos os factores que influem na evolução dos diferentes biotipos. O clima, a constituição do solo, a topografia, a organização política, social e religiosa, a instrução e a educação do povo, etc., constituem agentes determinantes das características morfológicas e funcionais do gado e muito especialmente da espécie bovina.

Há que considerar no entanto o clima como factor mais importante dos que influenciam a distribuição dos diferentes biotipos, sobretudo a temperatura e a pluviosidade.

É portanto para este aspecto que desejo chamar a atenção de V. Ex.^{as}, porque sem levarmos na devida conta o valor deste factor — clima —, nos sistemas de exploração pecuária, nunca poderemos encontrar soluções que satisfaçam a economia, a técnica e a prática.

Na Europa predominam dois tipos de clima: O temperado continental e o temperado marítimo: o primeiro, pelas grandes amplitudes térmicas, baixo índice pluviométrico, grande secura e insolação estival, provocam a descontinuidade da produção vegetal; o segundo, com fraca amplitude térmica e elevado grau de humidade, é o mais favorável para oferecer as possibilidades de alimentação continuada, condição indispensável para a exploração de animais de alta produtividade.

O Alentejo possui um clima tipicamente continental, com influências mediterrânicas, baixa pluviosidade e má distribuição desta ao longo dos meses do ano, estiagens rigorosas com insolação que chega a atingir 87% nos meses de Julho e Agosto. Este tipo de clima, pouco favorável ao desenvolvimento vegetal, dá origem a uma flora natural pobre e, nestas circunstâncias, os animais que a este meio se adaptaram, manifestam características próprias, tais como: grande desenvolvimento do terço anterior, ao qual corresponde grande volume dos órgãos da cavidade torácica, ossos compactos, grande circulação periférica, respiração pouco profunda e digestões languidas, o que contraria a precocidade do seu desenvolvimento.

Sendo o pastoreio, em pastagens espontâneas, a forma mais económica de produzir gado vacum, considerando as características climáticas atrás descritas, verificamos fases estacionais provocando a descontinuidade da produção herbácea. Primaveras muito irregulares em temperatura e grau de pluviosidade, Verões muito secos e quentes e Invernos com temperaturas baixas, são factores limitantes e impeditivos do desenvolvimento vegetal.

Estas circunstâncias, pelo condicionalismo económico de que se revestem, são proibitivas da exploração bovina intensiva, mas permitem a exploração extensiva dum bovino ambientado sem características de espe-

cialização definida, por isso mesmo aquele que melhor pode suportar, com vantagens para o seu proprietário, as condições naturais do meio em que é explorado. Está neste caso toda a nossa população bovina transtagana, da qual faz parte a raça alentejana, sem dúvida a mais representativa do sul do país.

SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

Ainda para apreciação das características actuais do bovino aborígene e para melhor compreendermos a sua falta de evolução, torna-se necessário passar em revista, embora muito rapidamente, o regime em que era explorada a raça bovina alentejana no princípio deste século, isto é, precisamente na época em que toda a Europa começava a construir, com sólidos alicerces, o edifício do melhoramento zootécnico.

Quando nos debruçamos sobre o passado da nossa pecuária, encontramos sempre com o Prof. Bernardo Lima, a quem nunca será de mais prestar as nossas homenagens.

É da obra deste eminente Professor que transcrevemos a seguinte descrição sobre o assunto:

«Reprodução, criação e recriação — Começam as vacas a ser cobertas aos 2 anos de idade, aturando na reprodução até aos 10 anos, que é quando se reformam, e mais ou menos cevadas vão para o talho. Cobrem-se, de ordinário, a ano e vez. As gestações anuais são, por enquanto, factos de excepção, só consentâneas em casas de alguns pequenos criadores que contam com melhores recursos pascigosos.

.....

Os touros começam a padrear aos 3 para os 4 anos e aturam neste mister 5 a 6 anos.

.....

O preço do bom touro de cobrição é entre 50\$000 a 60\$000 mil réis. O mais geral é andar sempre o touro na manada com as vacas touriandas, que vão cobrindo à medida que

